



MIGUEL MADEIRA

publico.pt



**VISITA HISTÓRICA
CAVACO NA INDONÉSIA
APELA AO INVESTIMENTO NO
PORTUGAL PÓS-TROIKA**

Portugal, 6

Novo pacto europeu de crescimento começa hoje a ganhar forma

Líderes da UE discutem em Bruxelas primeiras medidas de estímulo à economia. OCDE vê Portugal com o PIB a cair e o desemprego a subir em 2013 e diz que é preciso mais austeridade **Destaque, 2 a 5 e Editorial**

Estado gasta menos e cidadãos pagam mais pelos remédios

Os medicamentos estão cada vez mais baratos, mas os encargos dos cidadãos com remédios aumentam **p12**



**MOÇAMBIQUE
O HOMEM QUE PLANTA
ÁRVORES, ATÉ QUANDO
VAI AO ESTRANGEIRO**

Mundo, 22/23

Sector público não consegue cortar com a banca

De Fevereiro para Março, recurso das empresas do Estado ao crédito bancário aumentou 6,6% **p16**

Excedente comercial com Angola desceu para valor mínimo

Aumento das importações de petróleo, decorrente da crise líbia, reduz saldo com antigo colónia **p14**



Moçambique

O homem que planta árvores



Ninguém lhe ordenou que andasse por aí a plantar árvores, mas aos seis anos já lançava sementes pelos caminhos. Pastoreava bois. Os bois não paravam de comer plantas. Pedro Muagura também se servia delas. “Milho não tínhamos, batata usávamos uma vez por mês, arroz não havia. As frutas silvestres sempre existiram. Mesmo que haja seca prolongada, as plantas nativas têm fruta. Fui vendo isso.”

Plantou muitas árvores. Uns cem milhões, contando com as que meteu na terra e com as que meteu na terra quem lhe obedece.

Uma vez, o Presidente da República de Moçambique, Armando Emílio Guebuza, apareceu-lhe em casa: “Por que plantas árvores?” Pedro pensou: “As grávidas precisam de sombra. Os bebês descansam numa cama de madeira. O nosso caixão também é feito de madeira. Nós alimentamo-nos de plantas. Plantas são vida.”

Cresceu em Machipanda, província de Manica. Estudou no Instituto Agrário de Chimoio. Fez das plantas o seu negócio. “Antes era eu, a minha esposa, as crianças. As crianças deram uma grande contribuição. Tenho cinco – quatro meninas e um só menino. A mais velha tem 17 anos, o mais novo seis meses. É o Salvador. Salvou-me de ser o único homem no meio de tantas mulheres.”

Plantava embondeiros (que dão malambe, um fruto com um miolo seco de sabor agridoce), maçanqueiras (maças pequenas), ximénias (ameixas-do-mato)... As pessoas perguntavam-lhe: “Porquê só plantas nativas?” E ele começou a ter laranjeiras e outras árvores para vender. A empresa cresceu. Agora, 21 funcionários plantam árvores em seu nome. “Num dia só chego a produzir 26 a 27 mil plantas.” Números que não estão exagerados, sublinha, porque há trabalhadores que chegam a fazer 1700 vasos por dia.

Sente-se “especial” desde que professores e estudantes lhe começaram a aparecer em casa. Às vezes, até lhe pediam que fosse a escolas ou universidades ensinar a cuidar de algumas espécies. Tornou-se professor. Estudou florestas na Finlândia e fauna bravia na Tanzânia.

Nem fora de Moçambique larga o seu “grande desafio”. Plantou uma árvore em Portugal, perto do Aeroporto de Lisboa. “Não tive problemas.” Em Heathrow, Londres, não conseguiu. “Foi difícil, mesmo para cumprimentar as pessoas. Dizia: ‘Bom dia!’ A primeira pessoa não respondeu; a terceira quis saber por que estava a cumprimentar. Perguntei se podia plantar, ela disse: ‘Esquece!’”

Plantou na Suécia, Dinamarca, Finlândia, Tanzânia, Zimbábwe,

Malawi, África do Sul. Na África do Sul, mostrou que não brinca com isto. “Primeiro falei para os serventes: ‘Se não regam essas plantas, não vou almoçar aqui.’ Pensavam que estava a brincar. Falei com o *manager*. Ele disse: ‘Vão lá regar.’ Depois, deram-me uma árvore para plantar.”

Quando a recuperação do Parque Nacional da Gorongosa despontou, o plantador de árvores dava aulas na vila homónima. “Fui vendo a relação entre florestas e fauna bravia. Pensei que era melhor fazer práticas no terreno. Depois, pedi ao Ministério de Educação para me juntar ao parque.” Está há dois anos a tempo inteiro na reserva. Gere o programa de reflorestação da serra.

Ainda há um século, o homem não se atrevia a sair do sopé da serra, que atinge 1863 metros de altitude. Reza a lenda que quem tentar subi-la perderá a vida. Baptizaram-na de “Kuguru Kuna N’gozi”, que no dialecto local quer dizer “lá no cimo há perigo”. Aportuguesada, Gorongosa.

Na guerra civil (1976-1992) e nos dois anos até às primeiras eleições multipartidárias, as pessoas foram subindo a serra em busca de segurança. E a serra sofreu com esse avanço. “Faziam queimadas por causa da guerra, para caçar animais, para preparar áreas para milho, feijão.”

Pedro ainda se lembra da primeira vez que sobrevoou a Gorongosa. Terá sido em 2005 – o Governo de Moçambique e a Fundação Carr (EUA) tinham assinado há pouco o memorando de restauração do

parque, que haveria de evoluir para a co-gestão. Faltavam partes de floresta tropical, floresta de galeria, savana. A continuar assim, os rios Vunduzi e Muera mingariam.

Nem é preciso helicóptero. Para ver a devastação basta subir pela picada num jipe de safari, como o engenheiro agora sobe em direcção à cascata de Murombodzi. Consequência de práticas inapropriadas de uso de terras, baseadas no corte e na queima, o que degrada solos, fauna, flora, “tudo”. Só em 2010, o Governo alargou os limites do parque de forma a incorporar a serra situada acima dos 700 metros. E ainda ali moram duas mil pessoas.

Pedro aposta nos mais novos. “Ensinar uma pessoa que já não tem dentes a fazer um novo tipo de agricultura é muito difícil.” Não desiste delas. Mostra que a água dos rios corre barrenta, que desapareceram poços. Diz-lhes: “Era fácil o feijão germinar aqui. Já não é. Cortaram muito. Temos de reflorestar.”

Na natureza, tudo interage. “As aves lançam sementes. Os macacos comem frutas e, pelo produto fecal, vão dispersando sementes. Tudo vai fazendo a cobertura vegetal. Nas zonas onde se cortam as árvores, os rios vão perdendo caudal. O programa florestal tem por objectivo garantir a sustentabilidade de recurso hídrico do parque.” Sem água, não há flora, não há fauna bravia, não há ecoturismo, não há empregos.

O projecto agrega 34 viveiros. Só o ano passado, plantaram 850 mil árvores. Pedro soma 1,2 milhões. Está a contar com o apoio prestado

às escolas e comunidades. Recolhem sementes nativas, plantam-nas, cuidam das plantinhas até à hora de as transplantar. “Este ano, o alvo é dois milhões. Na recolha de sementes, a média é seis toneladas. O grupo é muito motivado.”

A motivação transparece numa curta conversa com plantadores de árvores como Silvestre Braga, que tem três esposas, 29 filhos, uma dor de cabeça quase permanente. “O problema é que quando cultiva... milho, feijão, mapira, é pouca comida para alimentar as crianças.” Vale-lhe o que recebe do parque.

O plantio mobiliza 55 trabalhadores e à volta de 275 voluntários. O número está em crescendo. Pedro até pensava que iam exigir um salário. Não o fazem. Talvez por sentirem que estão a aprender. Talvez por acreditarem que os melhores poderão vir a ser contratados pelo parque.

Por vezes, Pedro fica a dormir na montanha. Também os recebe quando vão à vila da Gorongosa. Oferece-lhes água para tomar banho, esteira para descansar. E com esses pequenos gestos vai conquistando aliados. Alguns vêm cortar ou queimar e avisam.

O país combina justiça tradicional com justiça convencional. “Se destrói a casa do vizinho ao fazer queimada, chama-se a polícia. Se corta uma árvore na nascente do rio, confisca-se o machado e entrega-se a pessoa ao régulo.” Cortou uma árvore, tem de plantar 15. “É para educar. Nós, do programa de restauração, entregamos as plantas à pessoa e ela vai abrir as covas e plantar.”

Os fiscais não chegam a todo o lado. “Há áreas que só são acessíveis de helicóptero.” E falta educação. “Existem muitas pessoas que não conhecem escola e falar com elas de ambiente, de erosão, de fauna, é muito difícil.”

A muitos parece desnecessário plantar espécies nativas, como chanfuta, amonha, panga-panga ou umbila. Parece mais útil plantar, por exemplo, batata-reno. Na serra, um cacho de banana custa 10 a 15 meticais (28 a 42 centimos de euros). Ora, cinco quilos de batata-reno podem ser vendidos a 80 a 100 meticais.

Nem só as bicicletas chegaram à Gorongosa nos últimos tempos. “Os jovens agora querem telefones celulares. Isso tem impacto negativo. As pessoas vão cortando floresta para pôr batata-reno. Desenvolvimento e conservação são assuntos muito contrários.” O trabalho não pode parar. “Não vamos chegar à vila sem ver um camião com troncos grandes.” Não tarda a encontrar um, atolado.

A jornalista esteve na Gorongosa a convite da Into África Viagens e Safaris Lda.



Pedro Muagura está há dois anos na Gorongosa. O plantio mobiliza 55 trabalhadores e 275 voluntários. Na página ao lado, uma impala à sombra de uma acácia



Pedro Muagura já plantou perto de cem milhões de árvores. Coordena o programa de reflorestação da serra da Gorongosa. Planta árvores até quando vai ao estrangeiro
Por Ana Cristina Pereira